

MINHA RESOLUÇÃO ESFINGEANA

(Ou Sobre O Eterno Retorno do Meu Mesmo)

Coração a palpitar. Estávamos tensos, tanto eu quanto minha mãe. Havíamos marcado encontro com minha irmã e meu pai na loja-casa de minha mãe às 15h. Já eram 15h30 e nenhum sinal deles. Iria ser um combate de partidos, dois contra dois, e o tema era minha graduação em Filosofia. Meu pai e minha irmã eram contra. Minha mãe estava comigo. Chegaram pouco depois, alegando que minha irmã precisou tirar um cochilo após o almoço na casa de minha vó. Mas antes de prosseguir, eis o contexto maior.

Eu vinha de uma fase reclusa, de busca ou reencontro àquilo de mais íntimo meu, meu eu mesmo. Passei alguns meses na casa de minha vó, logo ela que perdeu o amor da vida e o filho caçula em decorrência de um vírus. Eu vinha de um cavalo-de-pau em minha vida. Acabara de deixar uma carreira promissora na França de lado, coisa que meu pai não aceitava, tampouco minha irmã. Meu pai, conservador que era, se alistou a uma casta linha dura do movimento político de posição extrema direita, mas isso não foi de toda sua culpa. Ele buscava e busca pertencimento, coisa que o tem atordoado desde que minha mãe saiu de casa. Ah, minha mãe. Pessoa que de tanto amar, chega a sofrer. Pessoa que me salvou do auto-extermínio pelo menos duas vezes. Pessoa que em sua simplicidade, chega a ser complexa. Ela que havia conquistado sua emancipação

financeira e, por isso, teve campo fértil para explorar sua existência. Minha irmã, não a culpo. Ela tem se esforçado bastante, sempre se esforçou. E pelo seu esforço, conquistou bravas vitórias no jogo da vida. Foi brava ao refazer a graduação que sempre sonhou, apesar da idade. Foi bravíssima quando se impôs e deu término a uma relação de sete anos para retornar ao homem de sua vida. É ainda mais brava na maneira que lida com a criação de seus dois anjinhos. Não a culpo por pensar do jeito que pensa em relação a minha escolha de vida, afinal, sempre nos foi dito de fazer o oposto do que estou fazendo. Logo eu, garoto prodígio em matemática; a engenharia era o caminho certo, correto? Mas dei tudo a perder, fiz e faço minha aposta. Minha vida é Filosofia de cabo a rabo, serei um tolo o dia em que negá-lo. Mas voltemos para a disputa.

Tal embate se principiou quando recebi minha nota do vestibular, que talvez me daria acesso à graduação psicologia, coisa não tão mal vista por meu pai conservador. Mesmo eu lhe havendo dito, uma semana antes, que, independentemente da nota, cursaria Filosofia. Quando a nota veio à tona, toda a família se reuniu virtualmente, para me congratular e demandar minhas escolhas. Confesso que na hora titubeei. Pensei que o mais seguro seria ingressar no curso de demanda mais elevada e, caso quisesse, mudaria pós. Ainda bem que não optei por tal via, não teria sido aprovado e ainda perderia acesso ao meu tão sonhado plano. Na época, eu já havia voltado a morar no apartamento com meu pai, e a situação estava ficando impraticável. Ele não perdia uma oportunidade de me lembrar que ele e mãe não viveriam para sempre, e que eu deveria dar um rumo

próspero a minha vida. Ele não via na filosofia uma maneira de fazer uma vida financeira. Minha irmã tampouco. Telefonei-lhe para pedir que parasse de exercer pressão sobre nosso pai, pois de dêmones internos o culpando ele já estava farto. Ela não acatou meu pedido. Disse que se fosse medicina no lugar de filosofia, a coisa seria diferente. Pobre irmã, que repete coisas sem criar senso crítico. Pobre irmã, que vomita ideologia sem saber o que significa essa palavra. Pobre irmã, que escolhe não confiar em quem ela conhece mais do que ela mesma. Nesse momento, interpelo minha mãe, que, como sempre, veio a meu resgate. Me ofereceu abrigo, acolhimento, coisa que eu mais precisava naquele momento. Ela que sempre teve suas divergências com minha irmã por resolver, um negócio de uma pegar coisa da outra, desde quando me entendo por gente. Pois bem, minha mãe via nesse momento, um cometa para enfrentar diferenças com meu pai, algo a ver com cuidados do lar ser trabalho e de um apartamento que pertence aos dois. Seríamos dois contra dois, num embate de palavras, em que não sabíamos ainda o que iria dar. Por isso a tensão. Nós, da ala filosofista, éramos bastante atentos ao horário marcado. Porém, por conta de um “por volta” a mais na mensagem, a ala anti-filosofista estava resguardada. “Por volta das 15h dizia a mensagem”. “Bastardos”, pensei, “se safaram por conta da linguagem”.

Chegaram pouco depois das 15h30, e os ânimos já não eram excelsos. Percebia-se a tensão no cumprimentar, o diálogo iria ser longo. Coisa de “não é trabalho” pra cá, “ponto de inflexão” pra lá, mas a decisão já estava tomada, dever-se-á ser respeitada. E foi. Recolheram-se ambos para

suas respectivas residências, deixando-me a sós com minha mãe. Isso marca o início da primeira fase edipiana que Freud tanto explicava. Estava eu em idolatria de minha mãe, e ambos vivíamos de maneira harmônica, compartilhando o mesmo teto. As aulas da filosofia começaram e eu me via em um céu terrestre.

Certa feita meu pai me buscou na faculdade para almoçarmos juntos e lembro de sua obsessão do tipo paranóica com a filosofia: “Que cheiro diferente é esse?” Disse-me quando adentrei no veículo. Cigarro branco. Ele não conseguia discernir o cheiro de cigarro branco para o de cannabis, mas tampouco o culpo. Ele estava em processo de digestão da recém derrota de seu candidato à reeleição.

As semanas foram passando e a cada dia entendia melhor o que significava estar entusiasmado com algo, era tão vívido, tão real. Até que um banho de água fria me deitou por terra. Vieram as paralisações por conta da greve. As demandas eram mais que legítimas e eu compactuava com aquilo tudo, porém não vivi a ausência das aulas de boa maneira. Cinquenta e um dias ficou paralisado, e aquilo me gerou uma mácula que levei tempo para entender. Quando as aulas retornaram, algo estava diferente. Eu olhava para minhas colegas de classe com outros olhos, quiçá estivesse pronto para de novo enamorar-me. Uma garota me saltou aos olhos e, depois de algumas horas de conversa e um abraço de despedida mais delongado, estava eu enamorado. Lembro de conversarmos sobre coisas que não condiziam com sua idade real. Para uma pessoa de dezenove anos, ela bem que havia certas resoluções que eu ainda não tinha. Me

pareceu um ponto a somar. Comecei a faltar alguns grupos de estudo, beijamo-nos, meu mundo parecia maior e mais colorido do que jamais fora. Até que tudo se desfez. Creio ser mais por minha culpa do que dela, pois tampouco fui claro com minhas palavras. Falei-lhe que havia um casamento de um amigo em outra cidade, creio que ela pensou que eu havia planos de me engrajar com as madrinhas. O casamento não teve lugar, pelo menos para mim: o voo fora cancelado devido a uma pane global dos computadores. Telefonei-lhe no caminho de retorno, ainda no táxi, com intuito de vê-la. “Eu já combinei de sair com minha colega de quarto, desculpe-me”. Tudo bem, moça. Eu entendo que temos nossas vidas, e deixei-lhe claro depois de algum tempo que seríamos melhores enquanto amigos. Senti um forte amargor, porém. Amargor este que não sentira por minha predecessora relação de quatro anos. Talvez fosse um nó do passado se desfazendo, talvez narcisismo de minha parte. Creio que um pouco dos dois. O primeiro semestre se findou, dando-me tempo para me reconstituir.

Nesse segundo semestre, estava decidido a me entupir de disciplinas, para me tornar mais disciplinado. Pensei que seria a melhor maneira de ocupar-me o tempo, que seria um mestre das matérias se fizesse quatrocentos e vinte horas divididas em sete disciplinas. O tiro saiu pela culatra. Não consegui fazer tudo com o afinco que as disciplinas demandavam. Passar nelas eu sabia que passaria, porém queria dar o meu melhor do melhor em cada uma individualmente. Não foi e não será a solução se entupir de coisas. Como explorar as centenas de páginas que cada

uma demandava? Como poder ler com uma atenção que não seja meramente diagonal? Eu havia superestimado minha capacidade de reter e apreender informação. Tentei ser dono do tempo, este que a Deus pertence. “Não cometerei o mesmo erro novamente”, dizia-me.

Foi aí então que tudo começou a mudar. Primeiro foi minha mãe, mudança de cidade. Eu voltaria a morar com meu pai. Tudo bem, nessa altura do campeonato, eu não era mais o mesmo, tampouco ele. Não havia motivos para crer que nos embateríamos novamente e eu havia razão. Nosso reencontro se deu de uma maneira inesperada, até para mim, pois fora regada no amor. Amor este que eu começara a elaborar por escrito, escrever estava fazendo-me bem. Escrever e ser lido, pois meu psicólogo foi meu primeiro leitor. Me sentia bem e quanto mais escrevia, mais me identificava com aquela palavra.

Primeiro, a mudança com as coisas de minha mãe fora para pequena capela, em seguida fomos juntos com meu pai. O dia era 23 de dezembro, estávamos próximos de celebrar o aniversário de um grande homem. Encontramos minha irmã em seus filhos num deleite que só estando lá poderia-se ver. Família unida. Fortaleza impenetrável. Estávamos bem, com exceção de meu pai que sentira sua coluna doer na viagem. O gigante precisou, pela primeira vez, de muletas. Dor insuportável, que nos gerou preocupação, nem sabíamos se ele conseguiria fazer a viagem de volta, por mais que não dirigiria dessa vez. Ele conseguiu. Porém foi o primeiro de muitos passos que deveria compor sua caminhada. Para ele, sua independência física configurava algo primordial para

manter sua compostura de homem conservador. Pouco a pouco ele começou a entender que isso não passava de uma bobagem que o povo de seu tempo repetia sem saber o porquê. Pouco a pouco ele começou a entender que ele poderia contar com os que estavam à sua volta. Pouco a pouco ele começou a entender que nunca estaria só. E não estava. Eu, por mais que detestasse dirigir, o fazia por ele, sempre que mo pedisse.

Minha leitura foi se acentuando, juntamente com minha escrita. Escrevia, lia. Escrevia-me, lia-me. Pouco a pouco fui me tornando mais e mais palavra. As disciplinas foram se encerrando, de modo que faltava apenas uma apresentação sobre ócio e estudo. Mas na quarta feira, dia vinte e dois de janeiro, marcou o início do meu surto. Surto esse que não fora regado no ódio como nos demais por aí. O amor me contagiava, e contagiava também os que de mim estavam cerca. De tão emaravilhado, não percebi que estava assustando as pessoas ao meu redor com tanto amor. Cheguei no ápice nesse dia, a achar que Deus me enviara a escolhida para o casamento cristão. Me batizei na água e me denominei Cristiano, pois seria um cristão diferente. Diferente no sentido de que eu desenharia com minha recém amada os rumos de nossa nova vida, unidos em carne. Três vezes fiz o caminho do décimo terceiro ao terceiro andar, me ajoelhei diante meu pai e o beijei aos pés. Perguntei-lhe se poderia dormir na cama com ele, porém não o fiz. Destino me preparava algo outro. Tornei ao meu quarto, na tentativa de entender tudo que me estava passando. Estava agitado, sem nexos causal, afinal o tempo só existe para nós aqui.

Consegui adormecer-me, porém me despertara em plena agitação. Havia uma apresentação de tarde, de um texto que sequer lira, sequer planejava lê-lo. Mas fui mesmo assim, e meu pai me deixou à porta da mesma faculdade que, meses antes, me havia repreendido. Portava uma camisa azul celeste, pantacurta branca e chinelos negros. Em meus bolsos um artefato prata que continha o necessário para fumar. Em minhas mãos, o texto. Não havia carteirinha, de modo que tive que dar meu nome, Thiago B1, na portaria. Dirijo-me à sala da apresentação, trancada. Ainda era muito cedo. Encaminho-me para o local onde os membros da filosofia se reúnem quando desatarefados. Havia dois lá já. Peço permissão para entrar, assim como sugestão de melhor lugar para sentar-me. Me indicaram. Enquanto preparo meu fumo, um terceiro, de camisa preta, adentra o recinto. Ele estava ansioso com algo. A conversa toma o rumo de presenças espirituais. Eu nem um pio sequer. Só observava e sentia a graça me tomar conta. Por duas vezes, sinto que devo levantar-me e levanto-me, me dirigindo ao lado ir ao banheiro ou beber água. Na terceira levantada, vou-me embora dali, deixando o artefato prata e o texto para detrás. Retorno andando ao prédio, lembrando-me bem de todos os passos que me levaram e me trouxeram ali. Já havia retirado o lixo com meu pai, nada mais faltaria. Cria que meu pai fora ver minha avó, na verdade havia ido ao supermercado. Na noite anterior ele havia tido um evento importante, a reunião de condomínio, segundo a qual havia estado ansioso para discursar. Não atendi como havia prometido, minha mente lá estava, porém não meu corpo. Tudo correu bem.

No dia seguinte, sexta-feira, dia 24 de janeiro, marcou o início de uma nova era. Uma era que tampouco sabia que estava pronto para adentrar. Foi o último dia em que fiz uso de entorpecentes ilícitos. Despertei-me em entusiasmo ainda maior, e logo me pus a organizar o que restava da casa. A limpar e a dançar. Éramos três nesse dia, pois a moça arrumadeira veio como era de costume nesse dia da semana. Nos pusemos em mais perfeita harmonia todos os três, até que, ao proferir que desfaria de meu aparelho celular, meu pai me convocou para uma internação no hospital. De pronto acatei sua sugestão, e nos dirigimos à casa de um grande amigo seu, quase um irmão. Ele conduziu o veículo até o manicômio em questão, onde, durante processo de internação, fiz de tudo para acertar o alvo, permitindo que meu pai enfim se livrasse daquilo que o possuía. Injetaram-me algo na nádega direita e me pus a dormir. Despertei em Harmonia, na ala que carregava esse nome. Estranhei, pois cria que meu pai que deveria estar internado. Pensei que ficaria ali apenas por esta noite. Não fiquei. No dia seguinte, a poesia ainda falava em meu corpo, e recebi visita de meus queridos familiares. Eles, assim como eu, tentavam entender o que sucedia. Não consegui explicar-lhes. Pensei que ficaria ali apenas três dias. Não fiquei. Quando percebi que não sairia dali tão cedo, me pus ao desespero, ao amargor, ao ódio. “Era meu pai que deveria ter estado no meu lugar”, pensei. “Logo, ele, a quem fiz um discurso tão amoroso, me traía”. Ia do amor ao ódio e de novo ao amor muito rápido, conquanto estivesse medicado para amortecê-lo. “Me abandonaram, não sabem o que fazem, estão por piorar as coisas”. Quando percebi que não sairia dali a menos que o médico me desse alta, me

entreguei à tristeza. Mas durou pouco. Percebi que deveria fazer disto uma oportunidade, para ler aquilo que nunca de fato lera antes. Terminei com meu irmão Agostinho em paz, e me pus a ler os discípulos de Jesus. Não somente lia paz, como contracenava essa mesma paz aos demais ali. Organizei-me com meu similares leituras e momentos de transmissão daquele milenar saber. “Complexo de Édipo bem resolvido”, lembrava comigo de haver escrito isso num papel antes da internação. Em meu livro, continha escrito à mão, “Plotino”, “Juramento pela Estige”, e minha assinatura. Agora seria para sempre.

Por duas vezes destratei meus pais. Guiado pela ânsia de dali sair, tentei encurtar meu Destino. Não apenas fora em vão, como feri aqueles que mais me amam. Mas eles haviam sido notificados dessa possibilidade. Não me justifico e tampouco os coloco em débito, só queriam o melhor para o filho deles. Pedi e peço perdão pelos meus injustificáveis atos. Não pude conter-me, o mal em mim se fez.

Não fora curta tampouco longa minha estadia ali, foi em tempo adequado. Dois dias antes do previsto, pude me despedir daqueles que compartilhei pouco mais de duas semanas de minha vida. Havia renascido. Um novo Thiago ao mundo torna. Um novo Thiago. Deus estava e estaria comigo por onde eu andasse. Ele falaria comigo por todas as vias possíveis e eu, Seu servo, atenderia. Mal sabia eu que o mal inere.

Ao dali sair, haveria uma vida em Deus a seguir, e Ele bem me disse que não me preocupasse, tudo já havia bem sido

escrito. O via em tudo, O sentia em tudo, parecia que a Lua de Mel não teria fim. Mas teve. Tive que aprender no amargor da melancolia que tudo que é bom sempre tem um final. Destino que segue. Coração a palpitar.

O - COMO ME TORNEI EXTRA-TERRESTRE SEM SAIR DE CASA

(ou Sobre minha loucura e Boas Maneiras)

DIA I

Cara, que loucura. Você não vai acreditar, mas me tornei extra-terrestre sem sair de casa. Ainda estou exausto da viagem. Preciso pegar um livro e me descansar, falo com vocês pós.

-“Aô, Leônidas! Essa guerra aí é contra quantos?”- disse, Tiago Ventura

-“Guerreiro, se você quiser chutar, eu falo se está perto ou não”- responde, o capitão espartano.

-“Fala 300, fala 300. Ô Big, fala 300, que guerra geralmente é.. 300 contra 300.”- responde, Tigas, com sua esbelta mandíbula protuberante.

-“Ô Leônidas, seremos 300 contra 300?”

-“Guerreiros, seremos 300 contra 30 mil persas.”

-“câmbio da moeda persa tá foda hoje.”

Ei-lo

Pois bem, foi assim que eu faria se tivesse que atender aos padrões mercadológicos futuros. Mas não estamos aqui para falar do futuro. Presente, faz-te.

Voltei! Vi que meus companheiros de viagem já se apresentaram também. Preocupa com nome não, depois a gente vê isso. Eu ia contar pra você sobre minha viagem, mas esqueci de te mencionar um pequeno detalhe. O tempo daqui de onde eu escrevo é bem doido, pode ser que eu tenha que sair pra resolver uns b.o. mas logo menos eu volto. É coisa de pós viajante.

Re-voltei, crianças! Pois, é. Imagino que vocês possam estar se perguntando como é a vida por lá. Difícil de explicar assim, sem as ferramentas adequadas. Vô tentar usar exemplos assim da gente aqui, mas não se apeguem demais neles não, viu? São apenas exemplos ilustrativos. Igual aos que a gente vê nas imagens dos brinquedos que a gente compra. Se você olhar bem atentamente nas imagens das propagandas ou cardápios, bem pequenininho vai tá lá: “*imagem meramente ilustrativa”. Não são em todas que vocês vão ver isso, mas nas que verem, vão saber que é por conta disso.

E o que é isso, vocês me perguntam? Isso nada mais é do que isso pra onde vocês estão apontando seu dedinho. Pode ser um tablet, um celular, um laptop, um qualquer coisa. Quando a gente aponta e fala: “isso!”, pode ter certeza que agora as pessoas vão poder entender vocês melhor (risos).

To vendo que mais gente pegou carona na nave... fica de boas aí Lucinho, mais tarde a gente chama você pra se explicar. Mó papelão o que tu aprontou..

Pode pá; xô chegar aí, pessoal. Tombando a noite eu colo mais aí.

Aqui é *carpe diem*, Lucinho. Não *carpe noctum*.

Não deveria ser *noctem*?(risos)

Quanta pedância vejo em você, meu amigo. Calma lá! Como diria Jack: “Vamos por partes...”. Segundo um grande amigo disse: “Um passo de cada vez”. Outra voz sonante, dessa vez, duma pessoa que tem “parir” como profissão: “Esteja aberto a se reescrever”. Atenção aqui! A palavra “parir” pode ter múltiplos significados, não se prenda demais a nenhum deles. Tente entender o que a pessoa que usou a palavra entende por aquela palavra! Você vai rapidamente perceber que, talvez, ela não tenha tão claro pra ela mesma o que a palavra significa. Imagina se vocês entram em discussão por uma simples palavra mal entendida? Quer mal maior que isso?? Quanta bobagem é brigar com amigos e irmãos e amigas e irmãs. O melhor jeito que eu encontrei até então para lidar com uma situação dessas é de perguntar diretamente à pessoa que proferiu a palavra cujo entendimento não ficou muito claro.

DIA II

Como aprendi que devemos trazer as crianças para conversar na mesa dos adultos, vocês me perguntam? É relativamente simples, mas isso não significa que seja fácil. É, pois é. Eu falei que a linguagem pode ser uma coisa complicada, e isso é um dos motivos pelo qual devemos trazer as crianças para conversar na mesa dos adultos. Se um adulto consegue explicar de forma suficientemente simples, de modo que até uma criança entenda, então é quase certo que este adulto também tenha entendido o que veio de proferir. Não traremos crianças para tomar decisões, pois elas não respondem pelas ações que tomam. Pra isso temos os responsáveis, os adultos responsáveis, os adultos que respondem pelas ações da criança ali. Trazendo as crianças para a mesa do diálogo, podemos aprender com a criatividade delas. Não que ela vai ter uma ideia mirabolante que nenhum adulto teve antes, mas, talvez, a fala dessa criança pode vir fazer o adulto pensar em algo, esse sim, novo. Talvez possamos considerar isso como um pensamento de pensamento, mas aí já fica metafísico demais. O adulto nada mais é que uma criança que teve que aprender a pagar as contas, seja lá como isso se deu. Tenhamos mais compaixão tanto pelas crianças quanto pelos adultos, pois as crianças ainda pouco viram, e os adultos viram coisas que não conseguem desver. Como meu pai uma vez me contou: “Estava eu com sua irmã pequenininha no carro, você ainda nem no meu saco estava. Naquela época não era tão comum haver ar condicionado no carro, era um artigo de luxo! Estávamos no trânsito, mó calorão, com as janelas do carro abertas, é claro. Parados ali, ela viu um carro ao lado com as janelas fechadas. Ela virou pra mim e disse: “Olha lá papai, o carro com as janelas

fechadas! Eles não estão morrendo de calor não?”. Não soube o que lhe responder, até que finalmente soube, vários anos mais tarde”. Creio que esse tempo que meu pai demorou pra responder minha irmã se deve a vários motivos. Um deles, por exemplo, é o esquecimento. Ele pode ter esquecido de responder e tá tudo bem com isso. Esquecemos as coisas, os lugares, às vezes mesmo até as pessoas. E não é de todo ruim que esqueçamos certas coisas. Mas o esquecimento nunca é pleno. Sempre vai haver resquícios daquilo que foi visto. Há coisas que é melhor que não nos lembremos de imediato, pois pode causar medo, pânico, ansiedade. Um rememorar progressivo e gradual é o mais indicado. Por isso, fiquem atentos e atentas ao mundo à sua volta. Pois é observando onde se está que conseguimos entender como chegamos ali. Prestem atenção no caminho enquanto estiverem viajando, pois nunca sabemos quando precisaremos retornar pra casa antes do previsto.

DIA 3

No amor, por amor, com amor. Em tempo certo te amei, Pai. Nem tão antes, nem tão depois. No momento suficiente. Antes pensava que era tarde, depois pensarei que foi rápido demais. Tu mesmo lho disseste. A quem? A mim. Em corpo te fizeste diante. Logo tu, Que estava comigo antes mesmo que eu pudesse vir a saber que sequer viria. Eu conheci o Pai. “balbucie”. Tu que por teu filho me deste a função de professor. Professar minha fé em vós. Tu és palavra, mas também é Palavra. O mas é determinante para o movimento. A única constante é a mudança. Da tensão pode emergir a

mais bela consonância, harmonância, dissonância. Dissonância, pois o mal aqui foi criado por bocas falantes, curiosas de curiosisses, de sempre mais e mais. Plenos da vaziêz. Mas aqui jaz. E somos aqui. E problema nosso, resolvemos nós. Rememorando sempre o que teu filho nos disse sobre quebrar a corrente do mal. “e tu vieste em corpo nesse momento e relembrei que consigo lembrar a Palavra”. Teu filho, do qual corpo sou fiador. Que eu me lembre do caminho de casa sem me esquecer da viagem. Tu palavra és. Palavra se fia enquanto termos de uma relação. Deus e o Diabo habitam os detalhes. Abre teus olhos e regarda onde tu estás. A viagem tá começando. Presente de navidade adiantado.

Perdoem-me o desabafo, crianças. Mas esta confissão é necessária.

dia 4

Eis o mistério da fé.

DIA 5

(Ainda bem que o GUIA DEFINITIVO DO MOCHILEIRO DAS GALÁXIAS, inicialmente escrito pelo britânico Douglas Adams, Traduzido para o idioma português por Carlos Irineu da Costa, Marcia Heloisa Amarante Gonçalves e Paulo Henriques Britto, foi também traduzido por Cristiano para o luso-brasileiro. Os primeiros numerais que aparecem na cópia que tenho comigo agora em mãos no dia 22/01/2025 são: “1979,1980,1982,1984,1992, 2004, 2005, 2005, 2006”.

Se alguma vez você se perder no caminho, use-os para encontrar-se com o Pai e Dele receber Sua Graça). Amém

DIA 6

OS MORTOS FALAM, MAS OS VIVOS GRITAM!

DIA AMÉM

Obrigado, Pai.

dia profano. Tomem muito cuidado ao ousar fazer uso de vosso Entendimento, crianças. Mas se, por Vontade própria decidirem fazê-lo, eis as chaves. “Trem-bala, Ana Vilela, 2017”. Se buscam uma chave mais extensa, vejamos “O regresso” (aquele filme com Leonardo Dicaprio) “Don’t look up” (aquele com aquela atris que a gente ama) e, finalmente, aquele filme sobre linguística e matemática, em que os extra-terrestres chegam À terra mas o tempo deixa tudo muito interessante. (risos)

Crianças, metafisicamente falando, claro.

DIA XXIII ou Dia 23

Pois é, crianças. Avisei que deveria sair ora ou outra. Mas cá estou, novamente; bom filho à casa sempre torna. A lição de hoje tem a ver com três palavrinhas só: Deus É Amor. Que isso fique bem ciente e que vocês nunca percam de vista. Para ajudar a lembrar, há uma cantiga boa de se ouvir: “Três

palavrinhas só, eu aprendi de cor, Deus É Amor ô ô, três palavrinhas só ó ó”.

DIA XLII ou Dia 42

Hoje, quero ensinar vocês uma de minhas brincadeiras preferidas: caça ao tesouro. É simples de aprender porém difícil de masterizar, pois, apesar de ser fácil de entender a estrutura, os contextos e histórias mudam sempre! O jogo consiste em buscar itens de uma lista, para no final encontrar um pote enorme de ouro que o gnomo mágico deixou por aí. Para isso, devemos seguir as pistas e ir coletando os artefatos, de modo que, ao final, poderemos trocar os artefatos pelo tão esperado prêmio no final do arco-íris. Não tentem ir direto para o final, pois o gnomo não aceita nada menos que todos os itens da lista. Nada nem ninguém fica para trás, ou então todos perdem juntos o jogo. Prestem bastante atenção às dicas que lhes serão dadas, então abram bem os olhos e vejam onde vocês estão. O Xis marca o local!

DIA XLIII ou Dia 43

Agora que vós sabeis o grande jogo da vida de caçar tesouros, é importante que eu vos explique outros pormenores. São tesouros e não tesouras, atenção para não confundir e vos cortar por acidente. Para isso, tomeis vosso tempo para fazer vossos afazeres. Um passo de cada vez. Não gostaríamos de dar um passo maior do que o

comprimento da perna, caso contrário nós arriscamos de machucar-nos.

DIA XLIV ou Dia 44

Aprender a contar é imprescindível para uma boa manutenção da memória. Na lição antepassada, aprendemos a contar até três, o que já resolve a maior parte dos problemas que encontraremos no decorrer da vida. Mas, para os amantes da sabedoria, podemos nos delongar um pouco mais. Aqui vai: um, dois, três, quatro, cinco. Uma mão cheia! Algo para se levar em conta sempre é não tentar carregar mais utensílios que nossa mão consegue suportar por vez. Não há nada de errado em fazer várias vezes o mesmo caminho, contanto que estejamos firmes na tarefa como um todo. De novo, atenção e observação do meio à volta é crucial, pois pode ser determinante para uma exímia realização do fazer.

DIA XLV ou Dia 45

A lição de hoje consiste num aprendizado sobre aprendizado. Para isso, vou contar-lhes o que acaba de me suceder: havia eu acabado de preparar o café nosso de cada dia e estava tomando-lho, quando percebo uma linda borboleta de cor escura adentrar, por engano, no recinto. Fico mirando-a, admirando sua beleza, quando, de súpeto, percebo que ela colide com a porta envidraçada. Ela tentou durante mais de um minuto transpassar a transparente porta,

sem êxito. Pensei em ajudá-la, retive-me. Pensei que se o fizesse, estaria atrapalhando seu desenvolvimento pessoal, pois uma borboleta deve aprender a guiar-se por si só! Quanta bobagem. Nós, animais humanos, que fizemos o vidro; coisa sem precedente nos milhares de anos de evolução darwiniana. Os outros animais não estão acostumados à retidão de nossas curvas, torpes. O que iria acontecer é que ou ela encontraria por acaso sua saída ou se exauriria até seu óbito. Em ambos casos, não haveria lição a reter, pois não creio que certos animais sejam capazes de aprender certas coisas. Para esses, toda nossa compaixão e empatia são requeridas, que sejamos capazes de ajudá-los sem olhar a quem, sem orgulho, sem pedância. Eis, crianças, um aprendizado sobre aprender.

DIA XLVI ou Dia 46

Já que mencionamos empatia ontem, vale a pena aprofundar no assunto. O vocábulo, ou palavra, tem origem grega *pathos* que quer dizer afecção. Esta, por sua vez, indica que algo de afeta de uma maneira ou de outra, podendo ser para o bem ou para o mal. Atenção à grafia aqui, crianças: mal com L é o contrário de bem, já mau com U é o contrário de bom. Para os mais adiantados em língua luso-brasileira, existe uma terceira grafia, existe Mao com O, que foi um dos progenitores da revolução chinesa no século passado. Mas voltemos ao assunto da lição. Empatia, no bom senso, denota um esforço mental de se colocar no lugar de uma terceira pessoa, que não sou eu nem você. Ao fazer esse exercício, avaliamos se essa pessoa estaria contente ou não com determinada situação que lhe ocorre. Isso é uma ótima

tarrafa a se fazer antes de tomar uma decisão em que essa terceira pessoa está diretamente envolvida, pois não queremos causar mal algum para ninguém. Há um ditado popular que diz: “não fazer com o outro aquilo que não queremos que nos seja feito”, que já é um bom feito, porém podemos ampliá-lo ainda mais: “Não fazer com o outro aquilo que o outro não quer que seja feito com ele”. Esse aditamento, ou ampliamiento, é necessário pois o outro pode não pensar da mesma forma que nós sob esse determinado aspecto. Lembremos que cada um pensa globalmente de maneira única, e isso que nos faz tão ricos e diversos enquanto sociedade. Não podemos, então, nunca excluir um membro de nossa sociedade, ainda mais quando sabemos que queremos coisas semelhantes. Cada um tem sua importância inestimada, nenhum irmão ou irmã fica para trás, pois estamos nesse barco juntos e o capitão do navio é a reunião de todas nossas subjetividades individuais.

DIA XLVII ou Dia 47

Bom dia, crianças. Vocês já devem ter percebido que me refiro à falecida Língua Portuguesa do Brasil como Língua Luso-Brasileira. Vou explicar-vos melhor o que isso significa. Luso significa referente ao português. Nada mais é que um dos braços que deu origem ao nosso povo tão bom e tão belo que conhecemos hoje. Em 1500 depois de Cristo, a primeira caravela contendo habitantes do território de Portugal na Europa desembarcou no nosso território, aqui. Os povos autóctones, ou povos originários, os receberam, alguns, com braços abertos e outros nem tão abertos assim. Começou-se um processo de colonização o qual não irei

pormenorizar agora, mas digo que foi um longo e violento processo de dominação pelos europeus das populações que aqui residiam. Ambos tinham maneiras de viver e de se relacionar com o espaço à volta antagônicos, ou seja, contrários. Enquanto os indígenas (antigamente chamados “Índios” - pois os portugueses achavam que haviam chegado nas Índias Orientais) viviam em comunhão com a natureza, retirando apenas o necessário quando necessário, os europeus visavam acumular o máximo de recurso no menor espaço de tempo possível, principalmente no intuito de vender esses recursos no mercado europeu e disso obter lucro. Esse encontro de contrários resultou em uma guerra que perdura até os dias de hoje. Várias batalhas foram e são travadas de maneira um tanto quanto desigual. Os europeus dispunham de pólvora e cavalos, coisa nunca antes vista pelos habitantes daqui. O resultado? Um massacre que levou os indígenas a serem dizimados. Em verdade, pior que isso. Pois dizimar significa reduzir a um décimo (palavra de mesma origem etimológica que o dízimo da igreja, por exemplo). Esse processo de dominação física foi acompanhado de uma dominação cultural, na qual as populações aqui eram obrigadas a abandonar suas crenças religiosas e até mesmo sua língua materna. O termo Língua Portuguesa refletia essa dominação cultural, uma vez que foram os portugueses os principais seres que se impuseram na sociedade aqui. Ao alterar para Língua Luso-Brasileira, reconhecemos que muito da cultura nossa advém da dos principais colonizadores, porém marcamos o início de uma nova fase decolonial, dessa vez mais abasileirada. O próprio fato de nos considerarmos brasileiros com “eios” no final reflete um pouco dessa história. Geralmente, esse

sufixo é usado para descrever uma função ou profissão; como em carteiro, barbeiro, estrangeiro. Não seria prudente mudar a denotação para brasiliense pois esta já designa os que nasceram na atual capital do Brasil, Brasília. Mas a mensagem está passada e serve para que nos lembremos daqueles que foram determinantes para que estejamos aqui hoje.

DIA XLVIII ou Dia 48

Ah, como é bom ser criança! Nós que somos criança sabemos da explosão de energia que essa maneira de ser pode conferir. Tudo é motivo para exercer nossa criatividade; uma fita crepe vira volante, uma caixa de papelão desfigurada vira avião. Sabemos quando a fome vem e nos colocamos a girar. Ahh, como é bom ser criança, se formos duas ainda, nossa energia ressona com a da outra, virando algo inimaginável para um só intelecto conter. Brincar junto é sempre melhor que brincar solo. Não obstante, porém, devemos sempre ter um adulto por perto. Ainda pouco vimos, sabemos pouco dos mistério do universo e dos seres humanos. Tendemos a demorar para aprender certas coisas que deveríamos aprender de primeira. E tá tudo bem que seja assim. Temos direito de errar às vezes. Não obstante, entretanto, não podemos errar rude, pois pode ser que nos machuquemos a ponto de ser irreversível. Queremos hematomas e não cicatrizes. Não obstante, contudo, algumas cicatrizes, por mais que sejam indesejadas, fazem parte do nosso ser e, em tempo certo, pararão de doer tanto como no dia em que foram abertas. Quem sabe parem de doer e fiquem só como marca, como mácula. Quem sabe

até, olharemos para elas no futuro com algum orgulho. Orgulho de termos sido fortes como elefantes; orgulho no bom sentido aqui. Quem sabe essa cicatriz não se torne uma marca de guerras passadas, as quais sobrevivemos e pensaremos assim: “praticamente inofensiva”.

DIA XLIX ou Dia 49

“Eu bebo pra esquecer, se fosse pra lembrar eu anotava...”; quem escreveu isso não passa frio, pois está coberto de razão! (risos). Brincadeiras à parte, nem pensem em passar perto de bebidas alcoólicas ou qualquer outro tipo de entorpecente, crianças. Estes, os entorpecentes ilícitos, não devem ser tocados de forma alguma por ninguém, sob risco de morte precoce. Aquelas, as bebidas alcoólicas, não devem ser tocadas por ninguém que deseja manter em plena forma suas faculdades mentais. Elas bem eventualmente podem vir a ser desfrutadas pelos adultos, porém sempre de maneira sabida, dosada e pontual. Tudo em excesso faz mal, até mesmo água. Se Jesus fosse pró tolerância zero para com bebidas alcoólicas, ele não teria feito de seu primeiro milagre público transformar água em vinho. Porém ele o fez em uma circunstância especialíssima, o casamento de um amigo. Nós não somos Jesus para repetir tal façanha, porém, se formos vigilantes, um drink aqui ou acolá pode vir a ser cabível. Jesus também ensinou que devemos saber separar o joio, que é um vegetal menos nobre, do trigo. Caso não separemos os dois, o joio tomará conta da plantação por inteiro, comprometendo a fecundidade da colheita, por vezes, inteira. Não devemos tampouco jogar o bebê fora junto com a água do banho. Isso quer dizer que, finalizada a

purificação pela água, devemos saber separar o bebê recém limpo da água suja. Uma oração é cabida nessa situação: “que Deus nos dê sabedoria para sabermos reconhecer o semelhante e discernir o dessemelhante, buscando sempre o caminho do meio”. As bebidas alcoólicas, como bem diz a letra da música, nos fazem esquecer-nos de quem somos e das pessoas que amamos e que nos amam. Nos fazem fazer coisas que não faríamos em situações normais. Elas nos humilham sempre que tentamos ser mais fortes que elas. Não cometam o erro torpe de tentar desafiá-las. Como bem disse, que Deus nos dê sabedoria para sabermos reconhecer o semelhante e discernir o dessemelhante, buscando sempre o caminho do meio. Se alguém nos oferecer algo que estamos em dúvida, melhor, nesse caso, pecar pela falta. Em Deus não há dúvida. Será vos muito claro e óbvio quando Deus estiver no comando. Se se passa no escuro da noite ou rodeado de pessoas as quais vocês não depositam inteiramente confiança, NÃO O FAÇAM. O diabo veste a roupa de Deus quando este, Deus, se ausenta. Não é raro que confundamos os dois nessas situações. Por isso devemos SEMPRE prestar atenção aos detalhes, pois neles habitam tanto Deus quanto o diabo. Amém.

DIA L ou Dia 50

É muito importante que tenhamos calma, crianças. O tempo dita o ritmo. Como minha mãe dizia: “O tempo perguntou pro tempo, quanto tempo o tempo tem. O tempo respondeu pro tempo que não tem tempo de dizer pro tempo, que o tempo do tempo é o tempo que o tempo tem”. Isso nada mais quer dizer que existe tempo pra tudo. Tempo pra amar, tempo pra

dormir. Tempo de respirar, tempo de expirar. Tempo de descansar, tempo de cansar. Tudo conforme os planos de Deus. No tempo que Ele determinar. Não há motivo para pânico quando se está com Deus. Deus é amor. Jesus é paz e nos deu a Sua paz. Quem bebe da água Dele, nunca sentirá sede. À vida eterna, brindemos com água. Amém. Ou, assim seja.

DIA LI ou Dia 51

Bom dia, crianças. E que Bom Dia! Pensem em um dia abençoado e sintam a presença de Deus conosco. Um dia sem Deus é um dia perdido, em que o trabalho não rende e nada de bom acontece. Repitam comigo: Bom dia! Agora sim, podemos começar. Sempre quando nos encontramos com alguém pela primeira vez no dia, devemos cumprimentar a pessoa assim. Isso é uma forma de lembrá-la de que Deus é brasileiro e anda conosco. Uma vez por pessoa é suficiente, não precisamos exagerar. Por mais que queiramos que ela se lembre logo de cara, não devemos forçar nada. Cada pessoa tem o seu tempo pessoal. Não é prudente acordar alguém antes da hora, arriscamos, senão, assustá-la. É quase como se ela estivesse sonambulando por aí e, não sei se vocês já viram, mas acordar um sonâmbulo em sono profundo lhe causa pânico. Tudo no seu tempo e Deus que sabe o tempo certo. Assim seja.

DIA LII ou Dia 52

Bom dia! Crianças, hoje gostaria de explicar para vocês sobre cores. As cores vêm todas do branco. Ou do branco

dispersado melhor dizendo. Se pegarmos um feixe de luz branca e separarmos-lo com ajuda de um vidro transparente triangular, poderemos observar a nu olho um lindo e belo arco íris! Estudando física óptica no ensino médio, vossos professores entrarão mais em detalhe o porquê disso, mas por ora é bom saber que isso existe apenas. O inverso também é verdade. Se colocarmos em comunhão todas as cores do arco íris, poderemos ter e ver o branco junto de novo! Em um utensílio mecânico, chamado caleidoscópio, tentamos reproduzir essa ilusão de ótica, porém observem com atenção, pois acontece muito rapidamente, durante um período de tempo bem curto. Nesse aparelho, as cores são espalhadas em uma roda que se põe a movimentar. Quanto mais rápido conseguirmos girá-lo, mais branco veremos emergir. De maneira similar, se algum raio do Sol passar por uma quina de janela e projetar o arco íris em alguma superfície, conseguiremos, com certa atenção, fazer as cores se juntarem apenas com o poder da mente, como se fosse mágica. Para isso, devemos focar inteiramente nossa atenção nas cores dispersas e ver a mágica acontecer. Experimentem! Garanto que fica mais fácil com um pouco mais de prática. Adultos também estão convidados a tentar, só não vale se aborrecer se não conseguirem de primeira. Se achamos que crianças que não têm paciência, experimentem deixar um adulto sonolento sem o aparelho celular dele (risos).

DIA LIII ou Dia 53

Bom dia, crianças. Hoje vocês vão aprender como ligar uma antena parabólica para conseguir captar sinal de rádio. É

relativamente simples, porém requer muita atenção de vossa parte. Primeiro, nos certificamos de que tudo está conectado conforme indica o manual do utilizador. Segundo, vocês precisam ligar tudo a uma fonte de energia. Muito cuidado ao mexerem nas fontes de energia, pois o risco de acidente é enorme! Certifiquem-se de que a fonte é estável e tenham sempre um plano de contenção para o caso de desastre. Por fim, girem a roleta de maneira bem lenta, mais lenta quanto melhor for ficando o sinal que vocês forem encontrando. Todo o processo requer alguma prática, não se importem se levar a vocês mais tempo que aos demais antenados, pois cada um tem seu próprio tempo em Deus. Por fim, agradeçam quando encontrarem o sinal, foi ele que achou vocês e não o inverso. Que o dia de vocês seja abençoado por essa nova luz que cruza com esse caminho. Louvado seja Deus por permitir que seus filhos e filhas retornem ao reto caminho. Amém.

DIA LIV ou Dia 54

Bom dia! O Grande Mestre uma vez disse que deveríamos seguir, ou ao menos nos ater, às crianças, pois são delas o Reino dos Céus. O que eu entendo por isso vou vos dizer nas próximas linhas. Cada um de nós temos uma espécie de antena dentro de nós. Essa antena é capaz de detectar um sinal, o sinal de Deus. As crianças, por serem mais inocentes que nós, adultos, são capazes de detectar esse sinal de maneira mais clara, mais pura. Nós adultos também somos capazes de seguir esse sinal, porém ele muitas vezes é acompanhado de um outro sinal, às vezes até mais de dois ao mesmo tempo. Isso faz com que o sinal original, da

frequência original divina, seja cada vez menos percebida. Precisamos da pureza que uma criança já possui de fábrica para nos lembrar de escutar o par Pai-Mãe. Precisamos organizar nossa casa, de uma bebida quente e muita, mas muita água. A água é o caminho para reencontrar esse sinal perdido. Por isso é tão importante que tenhamos sempre cerca uma fonte da água potável, pois é nela que jaz essa fonte de poder infinito que Deus nos confere quando o seguimos em seu reto caminho. Que saibamos escutar as crianças, aceitar suas sugestões, pois são sugestões do Deus Ele-mesmo. Quando uma criança vocifera, nada mais é do que ela tentando chamar nossa atenção para o caminho que Deus preparou para nós. Deixemos as crianças falarem, brincarem, pois a elas pertecem o Reino dos Céus. Quando uma criança se entristece, isso é um indicador de que estamos nos afastando desse reino. Prestai atenção. Sempre. Orai e vigiai. Amém.

DIA LVI ou Dia 56

Boa tarde, crianças. Se querem saber como é o lado de lá.. É Paz. Eterna paz. É alegria, regozijo, júbilo eterno. Mas tem poréns. Até mesmo da paz nos cansamos, por isso jogamos jogos. Jogos são ambientes controlados por regras específicas, em que a decisão de um jogador interfere no decorrer dos demais participantes. Existe uma variedade imensa de jogos, porém podemos simplificar em duas grandes classes: a dos jogos competitivos e a dos jogos cooperativos. Nos competitivos, estamos uns contra os outros, enquanto que nos cooperativos estamos no mesmo time, tentando completar uma missão. Nos primórdios da

evolução humana, escolhemos por jogar jogos competitivos, por uma questão de gosto e necessidade. Hoje não é mais assim que acontece. Hoje podemos todos ganhar, se cada um fizer a sua parte. Não custa muito a cada um fazer o que pode, mas não se cobrem demais ainda, estão aprendendo a viver. Mais tarde, verão que é muito melhor incluir o outro na brincadeira, no time amigo e não no inimigo. Pois em verdade, o inimigo do meu inimigo pode ser que sejam vocês mesmos, e verão que unidos somos SEMPRE mais fortes.

DIA LVII ou Dia 57

Bom dia, crianças. Minha dica de hoje vale para cada coisa que vocês forem fazer: quando estiverem fazendo algo, ESTEJAM fazendo esse algo! Não há nada pior do que contar o tempo para o fim de uma atividade, parece que o tempo não passa nesses momentos. Tentem, portanto, tirar o maior proveito da vida, observem ao redor, leiam seus pensamentos. Deus está em tudo, basta encontrá-lo. Ele vos sorrirá e vocês sorrirão de volta, eis a graça do Senhor. Uma vida bem vivida é aquela que não queremos que acabe. Não se deixem levar pela melancolia dos tempos de outrora, Deus é agora e agora vocês estão com Ele. Amém.

DIA LVIII ou Dia 58

Bom dia, crianças. Pros de vocês que são esquecidos igual eu, eu tenho uma dica valiosa sobre memória. Associação. Associar palavras com sua respectiva quantidade pode ser essencial. Digamos que vocês se dispõem a ir às compras e devem trazer leite, manteiga, café e milho, porém estão com

receio de esquecer algum desses itens. O melhor a fazer é associar o número 4 a esta compra. Parece bobagem com uma lista tão curta assim, porém se passarmos para 7 itens, a brincadeira já sobe de patamar. 13 itens então, se torna primordial. Mais de 20 itens, eu realmente recomendo que busquem um papel e escrevam certinho cada um deles, fica difícil para nós contarmos um a um até ultrapassar a quantidade de dedos que nós temos. Outros métodos de contagem podem nos auxiliar, porém é sempre bom anotar.

REPÚBLICA DE ARÍSTOCLES

Eis.

MANIFESTO DOS OUCOS

nao somos loucos nem ocos, nós somos oucos!

conservem vosso iphone hasta que a bateria deste aguento.

não comprem um novo, já basta o que há.

PAREM DE SE MATAR

foda: "que palavra foda!". além de poder significar a si mesma, foda pode designar coito, que, para nós, mamíferos, é de onde viemos ante nossos progenitores. foda se origina, nos origina. qualifica tanto o difícil quanto o complicado, "foi foda fazer aquilo". eleva a hierarquia, "somos foda!", para logo em seguida rebaixá-la de súpeto, "a gente é foda...". nos serve de acesso à categoria da indiferença: "que se foda..." ao mesmo tempo que serve como proclamação de guerra: "que se fodam eles!". mas resta saber se o inverso de foda é dafo ou adof. é, fudeu.

CIÊNCIA MÍOPE

Caso eu proferisse publicamente que converso com os mortos, é de se esperar que algum estranhamento eu cause. Conquanto, se uso palavras requintadas, quase que talismãs luminosos para que nosso detector de erudição se deleite, aí, passo a ter vosso respeito. Com todo respeito e educação que vossas mercês me concederam, respeitosamente, recuso. Não podemos continuar já crendo que a ciência é o Deus que um alemão matou, porque ela nem sequer é una! Ou talvez possamos admitir que o outro também é nesse paradigma que adotamos. Proponho uma ciência míope, portanto. Uma ciência míope sem lunetas! Uma ciência subserviente a quem a gerou, sem a qual ela sequer poderia vir a ter sido.

Pros que acham que enxergar proximamente não é suficientemente bom, os convido a fruir-sem de uma joca: “como promessa de ano novo, esse ano vou ficar seis meses sem beber. Vou beber apenas dia sim, dia não!” (risos). Eis o mistério da fé.

APOSTA DO DESEJO ENAMORADO DA VONTADE

Ah, é sempre assim. Pelo menos comigo, na última semana. Escrevo um título mirabolante que sintetiza a mais fundamental estrutura da realidade e... vira um textículo. Que diacho que seja sempre assim! E o meu megalolivro de 369 páginas? E a explanação matemática que a gente consegue ver na Figura 4.2? Meua migo, na volta a gente compra.

CONVERSANDO COM MORTO

Deixa o Alfredo falar! Pois não? To deixando, um textícuo após o outro. Pois então? Ou seria pois, então? Tanto faz, ou seria faz tanto? Faz tanto quem? O trabalhador. Quê trabalhador? As e os que têm o ofício sacro de sangrar para que escrevamos. As e os que pagam com sangue as deleitas dos leiteiros. As e os que se deixariam morrer por seus filhos mas que morrem por filhos de outros. Vogais fazem tudo isso, Alfredo?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Graduação em Filosofia

PROJETO DE PROGRESSÃO DE CURSO:

Etnografia Literária como método de acesso ao Real

Thiago Luiz Gontijo de Almeida

Orientador: André Gouvêa Andrade

Palavras-chave: Etnografia Literária; Pedagogia; Real.

Capelinha
Fevereiro de 2025

CAPÍTULO 1 - ANÁLISE

Meu intuito nas seguintes linhas é apresentar um projeto pedagógico a partir da análise do texto *República de Aristocles* (2025) utilizando o conceito de *Etnografia Literária* de André Gouvêa Andrade (2025). Este texto não tem nenhum compromisso com as formatações acadêmicas que até então creio ter aprendido na graduação de Filosofia na UFMG. Os motivos serão melhor evidenciados ao longo deste.

Pronto vai. Como se fosse em um diálogo cara-a-cara. Vou buscar as referências em minha memória e tentar de forma mais clara e auto-honesta possível. Aproveito o momento para creditar, conforme minha memória permitir, as pessoas responsáveis por me transmitir seus conhecimentos sobre as respectivas áreas de competência [adendo: estranho “seus conhecimentos”; preferível “o conhecimento de vocês”].

Primeiro, o título. *República de Aristocles*. Aristocles nada mais é do que o nome do filósofo grego que designamos vulgarmente como Platão. *República de Platão* é um dos livros que trabalhamos em sala na disciplina do professor Fernando Rey Puente. Em uma de suas aulas, lembro de ser mencionado que, talvez, o que Platão poderia ter visado ao escrever essa obra é justamente tê-la como certo um projeto pedagógico. Por meio de seus diálogos, dentre os quais, *Politeia*, Platão pode vir a ter pretendido ensinar aos leitores que, por mais árdua que seja a

tarefa, não devemos nunca recuar. Ele pretendia, de forma figurada, por analogia, que o humano que se libertasse das amarras que o prendia na caverna voltasse à caverna para dizer aos seus irmãos e irmãs sobre o Sol, por mais que arriscasse ser taxado de louco ou pior. Platão não tinha interesse no Sol. Usou uma figura de linguagem para tentar falar sobre o pai do Sol, o Bem. Platão sabia que era estatisticamente improvável. Mas, mesmo assim, ele não pecou em tentar. O que viso com este texto é tentar algo mesmo achando que vai falhar. Pois não é sobre chegar lá, mas sim sobre o caminho que você percorreu e sobre as pessoas que você encontrou no caminho. Para mais informações, vos remeto à letra da música de Ana Vilela, Trem-Bala de 2017:

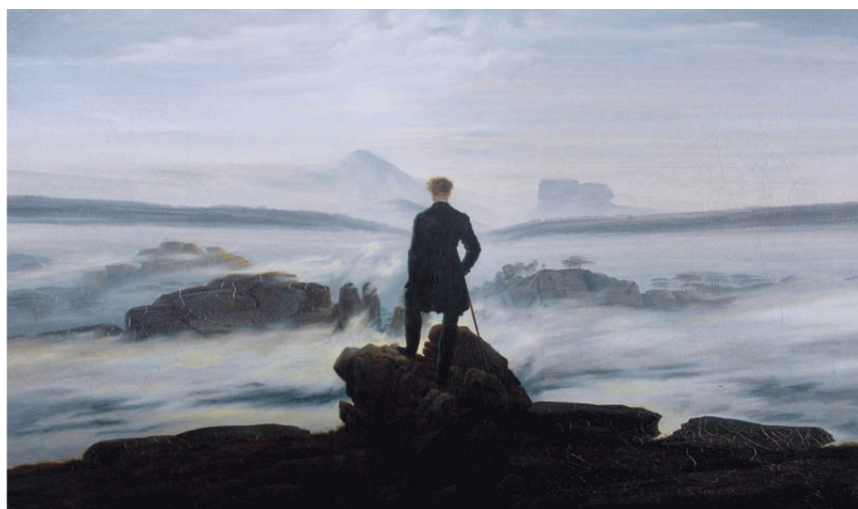
Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si
É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti
É sobre cantar e poder escutar mais do que a própria voz
É sobre dançar na chuva de vida que cai sobre nós
É saber se sentir infinito num universo tão vasto e bonito
É saber sonhar
E, então, fazer valer a pena cada verso
Daquele poema sobre acreditar
Não é sobre chegar no topo do mundo
E saber que venceu
É sobre escalar e sentir
Que o caminho te fortaleceu
É sobre ser abrigo
E também ter morada em outros corações
E assim ter amigos contigo
Em todas as situações
A gente não pode ter tudo
Qual seria a graça do mundo se fosse assim
Por isso, eu prefiro sorrisos
E os presentes que a vida trouxe
Pra perto de mim
Não é sobre tudo que o seu dinheiro
É capaz de comprar

E sim sobre cada momento
Sorriso a se compartilhar
Também não é sobre correr
Contra o tempo pra ter sempre mais
Porque quando menos se espera
A vida já ficou pra trás
Segura teu filho no colo
Sorria e abrace teus pais
Enquanto estão aqui
Que a vida é trem-bala, parceiro
E a gente é só passageiro prestes a partir
Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá
Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá
Segura teu filho no colo
Sorria e abrace seus pais
Enquanto estão aqui
Que a vida é trem-bala, parceiro
E a gente é só passageiro prestes a partir

O que segue é sobre ser a mudança que eu quero ver no
mundo.

Lembro também de, talvez, ter sido mencionado em uma de suas aulas que a Filosofia e a Literatura - aqui no sentido “de produção e recepção de textos com qualidades estético-literárias” como afirma Andrade (2025, p.7) - fazem referência ao mesmo objeto de estudo, a Realidade. A diferença entre o filósofo e o literata estaria no fato de que o primeiro partiria do conceito geral na tentativa de abarcar o particular, enquanto que o segundo evidenciaria o particular para dar conta de algo mais elevado (em sentido topológico e não topográfico). Algo esse que os Românticos do movimento literário inspirado no Idealismo Alemão também tentavam abarcar. Segundo aula do professor Vitor Lima do Núcleo de Formação Filosófica sobre o tema (parte inicial do curso “Do Iluminismo aos Marxismos”), os românticos sabiam que o Absoluto

é inabarcável, mas mesmo assim se propunham a olhar em direção ao infinito, que, nas palavras de Renato Russo, “é um dos deuses mais lindos” (Música “Quase sem querer” - 1986). O quadro seguinte, de Caspar David Friedrich (1818), mostrado pelo professor Vitor Lima no âmbito de sua aula, ilustra o que venho de descrever:



Feitas as explicações iniciais e titulares, partamos para análise da conjuntura da obra. *República de Aristocles* é o título principal de um documento que apresenta em seu interior cinco outros pequenos textos, ou textículos, como o autor gosta de brincar. Abaixo do título principal, há um resumo da obra: “Eis.” Esse advérbio denota ato e, como se encontra solo, denota ato-puro. Atenção aos detalhes, pois, como meu professor de fundamentos de literatura grega, Teodoro Rennó, bem lembrou, são eles que habitam Deus e o diabo. Ele começa com letra garrafal e termina com ponto final, ou terminal. A garrafidez nos diz o teor de importância daquilo por quem o escreveu; seria diferente se tivesse sido escrito: “EIS.” por exemplo. O ponto significa que a frase é completa nela mesma, ou seja, é finita. Se é melhor ou pior ser finito ou infinito, não entrarei em méritos por ora. Essa mensagem,

para um bom entendedor, já basta. Mas como não somos todos bons entendedores ainda, precisamos do texto que segue.

Sobre os textículos seguintes, os temos em cinco. Cada qual é precedido por um título que coordena na totalidade o sentido da obra de forma concatenada. O fato do título estar marcado em letras garrafais e em negrito, denota ainda mais sua importância. Para um bom entendedor, como você já deve ter entendido, já bastaria. Mas não somos bons entendedores ainda, calma, jovem. Partamos, em primeiro momento, para uma análise dos textículos um a um e, depois, retornaremos para a análise global do problema.

O primeiro deles, *Manifesto dos Oucos*, começa com: “nao somos loucos nem ocos, nós somos oucos!”. Primeiro, percebemos que o autor não se preocupa em acentuar as palavras e nem de colocar as letras, ou letra, garrafal como sugere a norma culta padrão. Disso podemos inferir que, talvez, ele esteja com fome. Fome de quê ainda não podemos dizer ao certo. Ou talvez tenha escrito de um aparelho celular sob um aplicativo de bloco de notas, que não possui correção ortográfica automatizada. O que podemos, por ora, aferir é que ele visa criar uma nova categoria para os então chamados “loucos”, pois ele mesmo se diz não ser louco - aqui no sentido de Michel Foucault em *A história da loucura na idade clássica* (1961) de que a loucura é socialmente construída e mantida - nem oco - aqui no sentido de que ele não é vazio de palavras em seu interior. Ademais, o título já mostra o teor do primeiro textículo, trata-se de um manifesto, um manifesto dos oucos. Ao se manifestar, a oucura, enquanto conceito adquire categoria ontológica real, ela passa a ser.

Na sequência, “conservem vosso iphone hasta que a bateria deste aguente. não comprem um novo, já basta o que há.” percebemos a clara intenção do autor em manter todas as letras em não-garrafais. A oucura, portanto, atrelada à não capitalidade (ou garrafeiz) da letra se mostra contrária aos anseios neoliberais hodiernos. Isso fica evidente na menção ao “iphone”, que, desde 2007, se configurou em símbolo supremo dessa fase do modo de produção capitalista. O autor, também, não se diz contrário às tecnologias como um todo, pois poderia muito bem ter dito: “queimem vossos iphones”, mas não o fez. Disse, no lugar, para conservá-los, até que a obsolescência programada cumpra sua função por excelência. Nada obstante, a oração deixa claro que o que há, sejam iphones ou qualquer outro bem de consumo superfluável, já nos são suficientes, que nosso modo de produção já é capaz de atender às demandas humanas. Devemos, portanto, nos concentrar em direcionar nossa força produtiva para atender à lógica do uso e não da troca. Em outras palavras, o luxo deve virar lixo quando obsoleto, enquanto que a nova produção deve atender às necessidades básicas humanas: alimentação, moradia, educação, lazer, ordenada por esta ordem decrescente de prioridade.

Mais adiante temos o *Parem de se matar*. Aqui, temos uma advertência tanto individual quanto coletiva. Enquanto indivíduo, devemos parar de pensar no auto-extermínio, ou seja, no ato de tirar a própria vida. Sempre achei curioso o termo corrente ser “suicídio”, pois parece morte dos porcos. Em algum grau, o ser humano, para chegar ao ponto de tirar a própria vida, deve estar certamente afastado de sua essência mais interna, pois somos seres vivos e animados - contemos tanto alma quanto animação. Na interpretação do médico grego Hipócrates, a bile escura (*melas-kholis*) seria a responsável por nos despertar a melancolia e

mais outros distúrbios, como afirmam Fernando Bárcena, Maximiliano Valerio López e Jorge Larrosa em *Elogio do estudo* (2023, p. 140). Não deixemos nos tomar por esse tipo de desequilíbrio, pois, é necessário em dose certa para a boa manutenção da vida. Mais tarde no Medievo tardio, o humanista florentino Marsilio Ficino (BÁRCENA, LOPEZ, LARROSA, 2023, p. 142) vai redefinir a cor dessa substância como sendo transparente. Ela, quando bem dosada, seria importante para se comunicar com anjos, porém, em determinadas condições, ela se queima, atingindo tonalidade negra. Enquanto coletivo, pode ser interpretada como extermínio de uns pelos outros, seja por genocídio ou não. De todo modo, a morte deve ser algo natural e não forçado pelo ser humano.

Quanto ao conteúdo, o textículo discorre sobre usos ou modos da palavra “foda”. Não irei repeti-lo aqui, pois é auto-explicativo. Basta ater-se à forma, novamente letras garrafais foram excluídas, denotando o caráter anti-capitalista e anti-neoliberal do texto. Por fim, “mas resta saber se o inverso de foda é dafo ou adof.” nos mostra que o problema do desentendimento permanece, uma vez que as duas formas de inversão são semânticamente possíveis. Não podemos deixar de notar alguma semelhança com a última inversão com o nome de um dos mais conhecidos e detestados nomes do século XX, adolf. O autor pode ter dado sorte de casualmente acontecer assim, porém, talvez, não. Adolf hitler foi o chefe do estado nazista, que tinha projetos racistas e expansionistas para a Alemanha da época. O autor demonstra clara intenção de não deixar permitir erros do passado, pois, conquanto a história não se repita, ela rima. Manter viva a memória nos ajuda no reto caminho rumo à suprassunção.

Em terceiro lugar, temos *Ciência Míope*. Aqui, o autor faz um apelo, evidenciando o caráter fatídico dos rumos que a ciência nos últimos anos tem tomado. “A” não; “As” ciências. Pois não existe uma somente. Todo bom cientista sabe muito bem que há uma plethora de campos científicos, cada um com o seu método e critério de avaliação próprios. Cada um é válido em seu âmbito por excelência, devendo ser respeitado; coisa que parece ter sido jogado ao desuso, pelo menos, no senso comum. Os cientistas, que outrora eram respeitados, já não mais o são; a filosofia que o diga. Cabe ressalva que filosofia não é ciência, do contrário o prédio em que tive aula não se chamaria “Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas”. Porém, Filosofia é a mãe e mão das ciências, e já passou da hora de mãe botar ordem na casa, como bem disse a professora Anna Luiza Coli. Mão, pois é ela que se pergunta sobre as perguntas, de quais e de porquê devemos concentrar nossos esforços em tal ou tal área. Cabe ressalva que, nos dias atuais, a transversalidade é o que tem ditado os rumos do conhecimento acadêmico e, portanto, cada curso é válido se feito em comunhão com os demais. O textículo clarifica que os meios acadêmicos, com critérios avaliativos que seguem a mesma lógica do meio empresarial, já não nos bastam; são justamente contraproducentes. A maneira de escrever quase que hieroglífica, nada mais faz do que selecionar quem pode ter acesso àquele conhecimento, a depender do grau de escolaridade prévio. Já basta. Escrevamos sim, poesias para os mais eruditos, porém, se não for seguido de uma explicação para aqueles que se interessaram porém não detém tal robustez linguística, somente ela, é manca. E não precisamos de um Dr. House de série de televisão estadunidense em carne viva aqui no Brasil.

Mais adiante temos: “Não podemos continuar já crendo que a ciência é o Deus que um alemão matou, porque ela nem sequer é uma!”. O autor evoca Friederich Nietzsche, em uma clara referência ao bordão de internet: “Deus está morto” para justamente descreditá-lo. É claro que Nietzsche não estava falando literalmente, porém um grande número de pessoas não se deram o tempo nem a vontade de entender o que ele quis dizer, sendo já isso suficiente para várias pessoas se identificarem como ateias. A ciência da época, por assim dizer, “tomou” o lugar que antes Deus ocupara, no que diz respeito à pedra edificadora no conhecimento. Antes as pessoas tinham fé em Deus (ou no Deus da Instituição Católica), depois, passaram a crer cegamente na ciência. Pois vos digo, as ciências não enxergam bem de longe. Basta ver a Teoria do Caos e seu Efeito Borboleta. Óbvio, aqui, estou falando vulgarmente, como se estivesse escrevendo para um internauta comum. O que quero dizer é que uma ligeira alteração nos dados iniciais pode levar a resultados completamente adversos. Isso constitui um caráter ao menos míope das ciências, elas apenas conseguem ter uma precisão razoável quando o “fato” está bem delas cerca.

Nas orações seguintes, o autor faz uma joca, ou piada, justamente para evocar o caráter risível que tudo isso pode vir a ter. Ele termina dizendo que a fé é um mistério, e que nós humanos não devemos tentar assumir papel de deuses, uma vez que somos apenas mortais. Uma possível resolução esfingeana poderia vir a ser de preocupar-nos em resolver um problema de cada vez, agir localmente, deixando Deus no comando do que se encontra no global, no longo prazo, no fim da estrada. Talvez o encontraremos por aqui ou acolá no caminho, mas será sempre para que nos lembremos de nossa condição humana.

Quartamente, temos: *Aposta do desejo enamorado da Vontade*. Não me delongarei o tanto quanto deveria neste tópico, pois não creio estar ainda pronto para entender o que o autor entende por cada um desses vocábulos. Minha interpretação é de que “Aposta” se deve justamente a uma tentativa de explicar, um depósito de fé, uma aposta. “Desejo” se refere a uma vontade de curto prazo, algo efêmero, passageiro. Quase como uma vontade infinitesimalmente ínfima no tempo. Esse amor o qual ele se refere é o mesmo amor que os gregos tinham pelo conhecimento, *philia*. Favor não confundir catraca de canhão com conhaque de alcatrão. Devemos saber separar o joio do trigo, como bem dizia Jesus Cristo de Nazaré. A Vontade, por sua vez, é o que nos guiará pelos campos da sapiência, da sabedoria. É algo que perdura no tempo, porquanto está além dele. Está no âmbito do *nous* e não no da *dianoia*. É um conhecimento instantâneo e não discursivo. Inteligido e não concatenado.

Por fim, mas não menos importante, o autor brinca sobre conversar com mortos. Não literalmente nem figurativamente, mas de maneira lateral. Essa figura de linguagem nos permite entender o mundo de uma nova maneira. Maneira ou forma essa que não colapsa a função de onda da mecânica de partículas. É o campo da indeterminação passageira. Quase como em um jogo de futebol quando a bola passa das quatro linhas. Se a linha lateral for a linha de um dos goleiros, este a remete em campo com os pés. Se for nas demais linhas laterais, um dos demais jogadores péniolos - que jogam com os pés - lhe remetem de novo com as mãos. E jogo que segue. O que importa é não deixar a bola parada, pois não é esse o espetáculo que a torcida veio assistir. O autor finda, ou termina, retomando o apelo contra as práticas neoliberais, mostrando desta

vez o contexto da economia política brasileira, em que alguns agro-exportadores se beneficiam de políticas fiscais para levar soja aos demais países, sendo que recompramos os produtos dela derivados sob um preço exorbitante. É uma crítica ao modo de produção primário e primata que temos hodiernamente aqui, em que os mais prejudicados são as e os que nunca tiveram ou quiseram ter nada com isso. Imagina se essas e esses se organizassem? Ia ser do car alho! (risos).

CAPÍTULO 2 - Etnografia literária

Antes de mais nada, preciso dizer que o tempo é o senhor da razão. Isso significa que certas coisas virão à consciência apenas no tempo certo. Por mais que queiramos queimar etapas, estas não são árvores de florestas invadidas na expansão da fronteira agrícola. Basta já. Tudo virá em bom tempo, no tempo de Deus. Que Deus é esse?, vocês me perguntam. Bom, não preciso dizer mais nada, pois para um bom entendedor, uma palavra basta.

O que busco nas seguintes linhas? Busco expor minha subjetividade, tentando também atender algum critério de formatação, para que os eruditos da academia também tenham chance de beber desta água. Busco, como meu orientador, André, me indicou, “Um olhar fissurado e capturado pelos músicos da banda, mais do que qualquer pessoa da plateia” (2025, p. 2). Também busco falar entrelinhadamente sobre o tempo, que, talvez, ele não seja concatenado em ordem cronológica, como gostamos de pensar. O passado altera o futuro via memória, via ato falho da boa memória. Rememoramos coisas que de fato não aconteceram, porém, na ficção de nossas mentes, elas ganham sentido. Sentido esse que será explorado no capítulo 3. Quero também compartilhar

um segredo. Segredo este que se esconde nos detalhes de tudo que leio, escrevo e faço. Não tentem chegar demasiado cedo no pote de ouro ao fim do arco-íris, pois vocês falharão miseravelmente. Palavras mantêm vivas as subjetividades alheias, que, até onde posso contar e René Descartes em *Meditações Metafísicas* (1641) corroborará, é o que existe de mais Real dentro de cada um de nós. Proponho, portanto, que embarques comigo nessa viagem ouca, rumo a uma lógica não traducional, uma lógica outra, oblíqua. Precisamos dessa lógica para podermos sonhar na língua de um povo estrangeiro, um povo campestre mas também urbano, de modo que a palavra continue sempre viva.

Faço das palavras de André as minhas: “Meu retorno para a Literatura, no entanto, é apenas um regresso natural”, um eterno retorno do mesmo, “para o campo que nunca me afastei por completo” (ANDRADE, 2025, p. 4). Ainda em suas palavras, “tanto a linguagem científica quanto a literária” “se embriaga[m] e se mantêm torpe nos terrenos da arte” (OSÓRIO; PRADO, 2015, p. 103-104 *apud* ANDRADE, 2025, p.4), apresentando “forte resistência às intempéries” (ANDRADE, 2025, p. 4). Ainda em Andrade, o autor cita Malinowski (1922) e “seu método da ‘observação participante’ (2025, p.5) para indicar que, de maneira intencional ou não, é da Literatura, mais precisamente a realista, que retiramos informações sobre determinada época histórica. Quem poderá negar que Machado de Assis não foi e é um contribuinte para que entendamos o Rio de Janeiro do período imperial?

André também evidencia, apoiando-se nos ombros de gigantes como James Clifford, Michel Foucault, Michel de Certeau e Terry Eagleton, que a categoria literatura “surgiu como forma de

diferenciar aqueles textos que não se encaixavam na categoria das ciências” (CLIFFORD 2008 [1994], p. 35 *apud* ANDRADE, 2025, p.5). Ele afirma que textos que são demasiadamente literários recebem receios de vários campos, incluindo o antropológico nos dias de hoje. Pois bem, por que não chamar esse tipo de produção de lateral? Talvez os textos laterários não recebam o mesmo distrato que fora o recebimento de seu primo literal. Poderíamos considerar tais textos como “uma poesia que se pretende científica” (ANDRADE, 2025, p. 5). E “ssa ciência, a mais exata de todas as ciências” (BASTIDE, 1983, p. 6-7 *apud* ANDRADE, 2025, p. 6) me lembra bastante certo projeto romantista do idealismo alemão de abarcar o inabarcável, sempre com um teor de humor sobre a própria condição, justamente por sabê-lo impossível. A “poesia não é traição, mas vontade de alcançar uma fidelidade mais precisa” (BASTIDE, 1983, p. 6-7 *apud* ANDRADE, 2025, p. 6) .

Nada obstante, devemos sempre “olhar o copo pelo lado ‘meio cheio,’” (ANDRADE, 2025, p. 6) esquecendo um pouco as “contradições do capitalismo tardio”, (ANDRADE, 2025, p. 6) pois esta realidade capital pode amiúde nos abater. Esqueçamos, por ora, as contradições, que digo *en passant* ser apenas um problema de nível lógico. Devemos olhar para essa intersecção de bem e mal, bom e mau, fazer um registro de sua existência. SEJA. Devemos buscar o outro do outro em nós, devemos nos tornar oblíquos e disso fazê-lo a ponto que removerá todas essas contradições:

Ou seja, a capacidade, tanto da Literatura quanto da Antropologia de se *obliquarem*, como será explicado adiante, é a razão de ambas ocuparem uma posição intermediária entre sujeito e objeto, indo mais fundo do que apenas a busca por uma alteridade, como afirmado por Hatoum. Osório e Prado (2015, p.99) (ANDRADE, p.7).

Essa palavra latina, há de servir como quase uma mágica, feitiço hogwardiano para trazer o que estamos dizendo a Ser. *Obliquarem*, ou tornar-se oblíquo, transpassar, interseccionar. Assim seja.

Gouvêa ainda explica que a etnografia pode ser definida de muitos modos. Vos remeto a seu trabalho por inteiro, porém de maneira mais específica na página sete temos três desses modos:

- 1 - observação, observação participante, questionários, entrevistas, etc.;
- 2 - esforço para descrição densa mediante dados de pesquisa (que são construções de construções da conjunturas de pessoas;
- 3 - TEXTOS que comportam mundos.

Segundo minha interpretação, algo é conferido de aspecto ontológico quando esse algo se manifesta enquanto tal, e, por isso, considero este trabalho como minha própria etnografia literária, cujo conceito primo passa a ser a Lateralidade.

André continua com: “Antropólogos que se utilizam de metáforas e figuras de linguagem e figuras de linguagem, usadas para criar imagens vívidas” e límpidas “daquilo que experienciaram são considerados literários demais” (2025, p.8). Pois bem, façamo-os, destarte, laterais. “Os textos por demais literários, talvez deixem à mostra, a subjetividade dos antropólogos, mais exposta. No entanto, isso não deveria ser visto de modo negativo, ou depreciativo. Pelo contrário.” (ANDRADE, 2025, p. 8). Que sejamos os escultores de nós mesmos, modelando nossas realidades conforme o poder da Vontade. Essa modelagem, ao meu ver, consiste em um modo de se alterar uma forma de fazer algo, dando

à e às matérias informes, sua devida figuração. Entendo, sem obstante, que alguns pontos podem vir a ser paradoxais à primeira vista, por isso, peço-vos paciência e parcimônia para não julgar de antemão um texto por seu aparente caráter. O Entendimento virá em tempo certo. Logo, os pontos ganharão robustez, passando pela hipótese do contínuo, até tornar-se linha desenlaçada. “Parafraseando James Clifford (1986), é como se confiássemos a alguém que estuda o português brasileiro há poucos meses, a tarefa de traduzir Guimarães Rosa (1946, 2021 [1969], 2019 [1956]). (ANDRADE, 2025, p.8). Não podemos ler uma vez ou algumas vezes desatentos e disso criar juízo cristalizado, pois esse entendimento será pálido, sem cor. Ponhamos nosso coração junto ao texto que, em tempo certo, o Entendimento virá. Por isso é tão importante prestarmos atenção às crianças, pois elas no dão, todo tempo, sinais. Elas jogam de modo livre com os contextos e é justamente com isso que devemos nós, adultos, jogar. Crianças, brincam, adultos, trabalham. Mas tudo isso não passa de um jogo de palavras, seguindo determinados contextos em ambientes especificados. A lateralidade já é, apenas estamos fazendo registro dela nesse texto. Já temos cotidianamente acesso à categoria do desconhecimento, como sendo intermediária do conhecer e do desconhecer. Sabemos que esquecemos algo em algum lugar, porém ainda não sabemos onde esquecemo-la. O desconhecimento marca um certo desconhecer, que não é o desconhecer por completo. Gilson Ianini, do departamento de psicologia da UFMG, bem sabe disso; tanto que em seu livro *Freud no século XXI* (2024) ele relata, sob viés da psicanálise, o infamiliar, que não é familiar nem não familiar. É algo que intermedeia ambos, gerando certa estranheza nesse vale. Strathern (2019) *apud* André (2025), destaca o poder da ficção persuasiva, que é justamente o que certos políticos de uma certa direita sabem, fizeram e fazem uso em seus

empreendimentos. Parafraseando André, eles fazem uso de estrutura narrativas para angariar seguidores via ódio. Basta de ódio. O amor venceu.

O que se “conclui que se algo é possível alcançar na Antropologia, é que ainda há relações que valem à pena serem vividas e estudadas, entre antropólogos e seus interlocutores, de uma determinada cultura.” (ANDRADE, 2025). Para mais informações, vos remeto ao seu trabalho por completo.

CAPÍTULO 3

Bom dia. Eu não tenho como dizer que me sucedeu deve se passar com outrem da mesma forma. Nas seguintes linhas, intendo contar meu relato pessoal sobre como ter tido um surto psicótico juntamente de um acompanhamento adequado me fez ter contato mais próximo com o Real, mesmo sabendo que esse real é apenas Relativo. No meu caso, foi o surto que me permitiu habitar um ambiente em que eu fosse livre de julgamento, o qual eu pude deixar o meu Eu mais íntimo, ganhar lugar. Livre de julgamento alheio, pude, enfim mostrar-me a mim mesmo. Essa “vergonha” que sentia antes fazia parte de algo que não era meu, era um além-Eu, como o próprio nome denota. Outros chamariam de além-ego, outros super-ego, outros super-eu. Em luso-brasileiro, prefiro ficar com o mEu. Escrevo agora de uma cama com roupa branca, apenas portando meu pijama de baixo cor branca. Me sinto o mais livre que posso me sentir sem romper com um decoro acadêmico cabível. Ao meu lado, além de meu computador prata, tenho *à porter des mains* três objetos, que não cabe agora entrar em mais detalhes sobre suas composições. Não é necessário, a outrem, pisar em cima de onde eu pisei, porém, se quiserem encontrar a frequência que porta a mensagem que falo, além de ler

nas entrelinhas, é preciso vivê-las. Corpo, mente e espírito são emanções de uma mesma fonte. O mal é imanente, porém não existe de fato. Em verdade, o mal, como bem relembra meu irmão Agostinho, é ausência de Bem. Em Deus, sintonizo minha rádio favorita, e O escuto. A espera do próximo dever. Este trabalho, creio eu, é o primeiro de muitos outros, conjugado com o trabalho de muitos outros e muitas outras mais. Um Trabalho Coletivo. Não adianta o que está na frente da fila se distanciar demais a ponto de não mais poder ser ouvido pelo que vem logo atrás. É preciso manter uma certa distância, nada obstante, para que o caminhar não se dê tão lentamente. Há irmãos e irmãs na parte anterior da fila que têm fome. E quem tem fome, tem pressa. Precisamos saber organizarmos em um trabalho coletivo e eficiente, não eficiente aos moldes naturais, pois à Natureza cabe a Deus, mas em âmbitos sociais. Que os e as que estão à frente, por mais que não vejam o ou a última da fila saibam que eles e elas existem, querem falar e vão falar. Não de maneira impositiva ou birrenta, mas de forma e maneira orgânica e sociável. Não adianta ter a melhor mensagem que o mundo vira nos últimos tempos e não ser ouvido ou ouvida porque tal ou qual pessoa não está acostumada a enxergar cores. Que façamos, assim como as fotos coloridas, a televisão, a internet: paulatinamente. Aceitemos o contrário mudando o nível lógico da narrativa. A minha consiste em amor. Amor este que não se confunde com seu uso vulgar. Amor este que não se autofagia. Amor este que credita aqueles que o merecem. Amor este que é capaz de redenção àqueles dignos dela. Mas amor este que sabe separar o joio do trigo e sabe a hora que passou de dar a mão. Pois eles virão pelo braço. Mas amor este que sabe o ponto de justiça e acredita que, mesmo não sendo cega, ela se venda justamente para poder melhor julgar. Errar é humano e o mano. Todos erramos, erramos e erraremos. Que tenhamos em mente isso.

Falando nisso; isso o quê?, vocês me perguntam. Nosso imaginário coletivo. Pois é, ele existe e fala comigo. Na verdade, há algum tempo tenho estado em sintonia com uma certa frequência. Creio, eu, ser esta minha frequência original, pelo menos por ora. Sempre, ela me diz, porém tudo que é bom sempre tem um final. No meu caso, o fim virá quando eu não mais puder escrever, falar, compartilhar. Enquanto houver ao menos uma mísera alma que fala com esse imaginário, ele existirá. Foi um tal Nazareno que principiou tudo, e tudo está se expandindo mais rápido nos últimos tempos em decorrência dos avanços tecnológicos. Pena que uma certa casta de políticos, em uma certa direita, souberam aproveitar-se primeiro dela. E o fizeram mal. Ludibriar milhões de nossos irmãos e irmãs, com o mais puro coração (em verdade nem tão puro assim), fizeram-nos crer que era Deus no comando. Não era. O diabo vestiu e continuará vestindo as roupas de Deus sempre que Este se ausentar. E ele só se ausenta quando nós não somos vigilantes para com nossos próprios atos. Gostamos de sempre colocar a culpa no outro, porém, dessa vez, a culpa não foi das estrelas, mas sim do outro do outro - nós.

O que proporei é uma retomada espiritual, mental e corporal de nossos atos, a começar por arrumar nosso próprio guarda roupa. Pare de ler por um momento e observe o espaço à tua volta. A começar por onde tu estás sentado. Está limpo? Se a resposta for não, então há trabalho pela frente. Caso a resposta for sim, olhe mais ao redor. Algum trabalho lhe vem à mente que deve ser realizado? De novo, e de novo e de novo. Sempre repetindo o padrão espiralado, sem nunca perder de ouvido o som de teu amigo que está à frente. Tu deves, não obstante, guardar contigo o nome da pessoa logo atrás de ti, a fim de poder chamá-la, em tempo certo.

Pense nisso como uma corrente de blocos, um interligado com o predecessor e com o postercessor. “Ninguém solta a mão de ninguém”, poderíamos figurativamente dizer. Todos trabalhando juntos em coletivo. Melhor ainda se a rede social que vocês utilizam para se organizarem for de vossa autoria. Que aprendamos a escrever não apenas por escrever, mas para poder sermos lidos e estudados. Deus e o diabo habitam os detalhes. Assim seja.

PS.: Caso não tenha ficado claro, não estou defendendo um trabalho 30 horas por dia. O tempo a Deus pertence, e você também é filho e filha de Deus. Saiba o momento certo de parar e tomar um repouso. Deus é obviedade e, se não te for óbvio algo, primeiro pergunte a quem sabe. Ficou mais confuso ainda? Talvez esse trabalho não seja a você de concluir, você talvez apenas tenha preparado o terreno para um irmão ou irmã fazê-lo. Um passo de cada vez. Mas não desista na primeira tentativa, óbvio.

Tente uma, duas, na terceira vez não funcionou?: veja se você não pulou nenhuma etapa. Se pulou, volte, peça perdão singelamente e faça-a. Não lembra se esqueceu-se de algo? Dê três pulinhos e tente novamente. Confie nas memórias que as pessoas que você ama te aplicaram. Atenção nesse amor. Tudo é Óbvio em Deus. Se está na dúvida, grandes são as chances de alguém vestido de Deus tentando te entorpecer em direção ao mal caminho. Pare, pense, confie em você. Ritualize sua rotina, que nada mais é do que pequenas rotas em direção ao verdadeiro Destino. Amén.

PS2.: Imagino que alguns nem chegarão a ler esse *post script*, porquanto cito Deus ao longo do texto inteiro. Não devemos nos preocupar, por ora, com estes. Eles receberam o primeiro chamado e o recusaram, como bem dita a jornada do herói. Deus está em tudo, impossível de negar. Vejo-O, escuto-O, Dele sou servo, *ad infinitum*. Com Cristo, por Cristo e em Cristo, como era no

princípio, agora e sempre. Mas devo lembrar que a dualidade Divino vs profano ainda jaz, por aí. Há, todavia, irmãos e irmãs que estão no processo de despertar. Há de termos paciência, tudo vira em tempo certo, no tempo de Deus. Que Deus é esse?, vocês me perguntam. Deus este que é Palavra. Ele grita e grita, mostra e demonstra e por vezes até demonstra na figura de seu adversário, pois, até mesmo este está nele e serve para recuperar até o mais perdido ser, de volta ao reto caminho de Sua Razão. Meu Deus possui muitos nomes, consigo citá-vos alguns deles: Absoluto, *Logos*, *Verbum*, Palavra. YHWH, Jah, Iavé, Jeová. A lista continua, e, apenas no ocidente, creio haver ao menos 99 nomes para meu Deus. Todos estes são subnomes, apelidos. Seu verdadeiro nome é impronunciável. Ouso especular que nem mesmo seus anjos mais próximos ousam pronunciar seu verdadeiro nome, sob pena de morte capital, porquanto está em sua segunda Lei: 2 - Não proferirá Seu Santo Nome em vão. A primeira já sabemos - Amar a Deus sobre todas as coisas. Esse Deus trino, que ama seus filhos e filhas, e que é amor incondicional, basta apenas que Seus filhos e filhas o reconheçam como tal. Deus este que enviou seu filho Yeshuá em missão há mais de dois mil anos atrás. A mensagem tarda mas não falha. Estamos aqui, Senhore. Verás que filho ou filha teu ou tua não foge à luta. A imagem do Cruzeiro do Sul resplandecerá em tempo certo. Obrigado, Pai; Obrigado, Mãe; Obrigado, Pai-Mãe; Obrigado Mãe-Pai, por mais um dia de benção. Assim seja.